

# Autismo: uma reflexão sobre o processo de inclusão, desafios e possibilidades entre a escola e a família

## Autores:

### Dayane da Cunha Souza

*Pedagoga. Professora da Creche Municipal Virgem Poderosa. Piripiri, Piauí*

### Marcos Antonio Sousa Araujo

*Pedagogo. Diretor da Escola Municipal Circulo Operário. Piripiri-Piauí*

### Adalcione de Oliveira Vieira

*Licenciada em Letras inglês. Professora no Colégio Liceu de Piripiri -Piauí*

### Maria dos Remédios Gomes Carvalho

*Pedagoga. Professora da escola C.E.M. Linoca Pires Rebello. Piripiri-Piauí*

### Alessandra Maria da Silva

*Pedagoga. Professora. Escola Municipal Creche Polidório Vitor*

### Ilane Cristina Soares Barros

*Pedagoga. Professora no Colégio Liceu de Piripiri -Piauí*

DOI: 10.58203/Licuri.22338

## Como citar este capítulo:

SOUZA, Dayane da Cunha et al Autismo: uma reflexão sobre o processo de inclusão, desafios e possibilidades entre a escola e a família. In: KOCHHANN, Andrea (Org.).

**Rumo ao futuro da Educação: tendências e desafios.** Campina Grande: Licuri, 2024, p. 210-227.

ISBN: 978-65-85562-23-2

## Resumo

Vivenciamos um momento em que mundialmente se fala na inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais. O autismo é considerado um transtorno global de desenvolvimento caracterizado por uma interiorização intensa, pela recusa de manter contato com outras pessoas e ainda apresenta diversas anormalidades de linguagens e de movimentos físicos. É importante que os profissionais da educação tenham conhecimento dos sintomas característicos deste distúrbio e busque uma adaptação no currículo escolar para trabalharem o desenvolvimento dessas crianças. O objetivo principal desse trabalho objetivo promover uma reflexão acerca das concepções históricas que têm influenciado o processo de inclusão dos alunos com autismo, diante dos desafios e as possibilidades enfrentados pela escola e a família perante este processo de inclusão. Tendo como embasamento Eugenio Cunha (2011), Barbosa e Silva (2012) e Paiva Filho (2012), tendo em vista apresentar dados essenciais para que todos compreendam como se dá o processo de aceitação e inclusão dessas crianças. Desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica com análises dos conteúdos abordados durante a pesquisa. Nesse sentido, a inclusão do aluno no contexto escolar é importante para promover a interação com os colegas e desenvolver suas habilidades, transformando suas necessidades em igualdade.

**Palavras-chave:** Espectro autista, Inclusão Escolar, Família.

## INTRODUÇÃO

O autismo é uma inadequação no desenvolvimento que pode aparecer de uma forma mais leve até uma forma mais severa, isso ocorre no decorrer de toda a vida. Costuma parecer nos primeiros anos de vida e desde o início já vem acompanhado de certas incapacidades que é muito característico da síndrome. (CUNHA, 2001)

O autismo é considerado como um transtorno global do desenvolvimento, ou seja, a síndrome de Asperger e abrange diversas dificuldades do desenvolvimento humano, recebendo assim o termo TEA - Transtorno do Espectro Autista. (PAIVA FILHO, 2012)

Objetivou-se analisar a realidade escolar no processo inclusivo dos alunos autistas na sala de aula acerca das concepções históricas que têm influenciado o processo de inclusão dos mesmos. Atualmente, vive-se uma época em que todos os ambientes devem trabalhar com a inclusão, principalmente no ambiente escolar, pois é no mesmo, que o indivíduo é preparado para viver em sociedade. A inclusão para realmente fazer jus à palavra dita, precisa acompanhar uma preparação tanto do próprio professor quanto da escola, que é de grande importância para o desenvolvimento da criança, pois não é o indivíduo autista como aqui é estudado que deve adaptar-se ao ambiente, mas sim o ambiente que deve ser adaptado e receber a educação inclusiva, pois há leis que determinam esta afirmação.

Neste estudo, teve como método a pesquisa bibliográfica, embasando-se nas ideias de Eugenio Cunha (2011), Barbosa Silva (2012), Paiva Junior (2012), e nos sites de Autismo infantil, revistas e artigos.

É importante perceber que é necessário um acompanhamento adequado da criança com autismo, o que leva a necessidade do conhecimento deste transtorno, assim como a reflexão por parte dos professores e restante da comunidade educativa, em face de inclusão dos alunos autistas. A escola tem que assumir e valorizar os conhecimentos das crianças com autismo, assim como suas práticas, encarando a diferença como um desafio e uma oportunidade para que haja novas situações de aprendizagem, de mobilizar e gerir outros recursos no sentido de responder as diferenças específicas de cada aluno.

Falar de escola inclusiva implica que todos os alunos estão na escola para aprender e, dessa forma, interagir com os outros, independentemente das dificuldades provocadas pelas suas limitações e as quais cabe à escola adaptar-se, desenvolvendo novas formas de aprendizagem em que todos possam se adaptar.

Desta forma o estudo sobre a inclusão de crianças com deficiência ou com autismo na escola regular, mais precisamente no caso das crianças autistas, permite contribuir para pôr em relevo refletir sobre questões inerentes à inclusão destas, tentando permitir ofertas formativas mais complexas.

Nessa nova perspectiva de educação, os professores encontram diante de si a tarefa de incluir e garantir a permanência dos alunos autistas dentro das escolas regulares, procurando desenvolver suas habilidades. Mas para que possa haver de fato uma inclusão, não basta que a família coloque seu filho em uma instituição de ensino regular, a inclusão vai muito mais além. É importante que a entrada do filho na escola leve em conta que a instituição contribuirá da melhor maneira possível na vida da criança, é importante ainda que a família tenha autonomia para continuar lutando pelos direitos de seus filhos e parentes, devendo estabelecer uma parceria com os professores, para juntos superarem os obstáculos ainda existentes e promoverem um melhor desenvolvimento da criança.

Foi utilizado como metodologia, quanto aos meios o estudo bibliográfico inicialmente, posteriormente a pesquisa bibliográfica para a constatação deste artigo. E quanto aos fins, a pesquisa de caráter descritivo, com abordagem qualitativa.

Abordar-se-á os pontos referentes ao autismo e a inclusão o aluno autista na rede de ensino regular, na qual o estudo foi dividido em seções e subseções, partindo-se da historicidade do autismo sendo a segunda seção, a história do autismo em ordem cronológica, ressaltando as contribuições dos teóricos no processo histórico do tema abordado.

## AUTISMO: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

Ao falarmos sobre o tópico Autismo devemos-vos no referir ao pioneiro Léo Kanner, que usou a palavra autismo em 1943, para descrever uma serie de sintomas que observou em um grupo de onze crianças.

A palavra autismo é oriunda da junção de duas palavras gregas: “autos” que significa “em si mesmo”, e “ismo” eu significa “Voltando para”, ou seja, o termo autismo originalmente significa “voltando para si mesma”. ( GOMES,2007, p. 98).

Kanner (1943), foi um dos primeiros autores a identificar características que compunham um determinado quadro psiquiátrico e as contrasta com o quadro pertencente ao desenvolvimento normal da criança. O autor apontou na literatura psiquiátrica um quadro no qual ele chamou de autismo da infância primitiva, distinguindo de outro quadro, ligando aquelas entidades patológicas realmente graves.

Estudos de diversas abordagens discutem possibilidades de fatores e causas para o autismo como difusões cerebrais alterações de neurotransmissores, alterações ambientais, difusões e traumas psicológicos.

Leboyer (2003) afirma que essa patologia deve ser concebida como um quadro de “psiquiatria do desenvolvimento”, pois sua instalação pode ser dar em diferentes momentos: nos períodos de pré-natal, perinatal e pós-natal, ou ainda em estágios posteriores da vida. Ou seja, o autor defende uma perspectiva de interpretação que faça uma ligação, entre o determinismo genético e ambiental, entre psicologia social e individual e entre etiologias psicogenéticas e organicistas. (Leboyer, 2003, p. 169).

As características do autismo grave envolveram certo atraso no desenvolvimento da linguagem, repetições obsessivas de certas atividades por longo período de tempo, um extremo isolamento social, englobando uma inabilidade para desenvolver e estabelecer vínculos interpessoais, além da presença de certas habilidades exercidas com mais destrezas, geralmente de cunho cognitivo-motor, se comparadas com as crianças com o desenvolvimento normal. (Marcelli, 2009, p. 226).

Para Ritvo Feedman (1978), o autismo é uma inadequação do desenvolvimento que se manifesta de maneira grave durante toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. O autismo acomete, mas o sexo masculino que o feminino e não tem uma frequência maior quando às condições sociocultural, de raça ou etnia. É uma síndrome inata que se manifesta até os 36 meses de idade e repercute de forma global no desenvolvimento do indivíduo, interferindo de forma determinante, nas áreas que dizem respeito à comunicação, interação, socialização, comportamento geral e aprendizagem.

São perceptíveis as manifestações dos déficits do autismo no cotidiano da criança. O déficit na comunicação/linguagem pode ser encontrado com a ausência ou atraso do desenvolvimento da linguagem oral. Já o déficit na interação social é recorrente ao autismo, tendo em vista a falta de reciprocidade, a dificuldade na socialização e o comprometimento do contato com o próximo. E outro fator perceptível no autista é o

déficit comportamental, onde se encaixa a necessidade do autista em estabelecer uma rotina, além dos movimentos repetitivos e as estereotípias, presentes na maioria dos casos. (PAIVA FILHO, 2012, p. 87)

A partir dessas discursões, pode-se perceber que o conceito passou a ser mais bem compreendido com uma síndrome de origem comportamental que desvia o seu percurso do que poderia ser chamado de “desenvolvimento anormal”.

Como já foi exposto, atualmente o autismo é visto como uma deficiência que representa uma difusão global do desenvolvimento e de acordo com a política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesse e atividade restrito, estereotipados e repetitivos (BRASIL, 2008, p. 15).

O autismo é o nome dado a um padrão de comportamento produzido de forma complexa com um resultado final de uma sequência de causas. É uma síndrome, ou seja, um conjunto de sintomas que agrupados recebem a denominação de autismo. O autismo é caracterizado por diversas anomalias principalmente no comportamento, estando entre elas à fala, pouca interação sócia, algumas limitações e comportamentos repetitivos. (Kanner, 1943, p. 108).

Para Freud (1969, p.279), o termo autismo foi usado para descrever o ensinamento do bebê que, ao tomar o próprio corpo como objeto de satisfação prazerosa, poderá desprezar, excluir ou ignorar, por certo tempo a realidade externa.

Ou seja, à medida que vão crescendo, chama atenção o fato de parecer não escutar os comandos dados, ausência de medos reais, aparente insensibilidade à dor, uma forma diferente de andar, se manifestar também pelo o pouco uso da linguagem não verbal, tais como: o contato visual, gestos e expressões faciais e corporais, causando para a criança a impossibilidade de se relacionar com outras crianças pela a falta de interesse ou participar do convívio social.

O autismo é mais conhecido como um problema que se manifesta por um alinhamento da criança com um adulto acerca de seu mundo exterior encontra-se centrando em si mesmo existindo perturbações das relações afetivas com o meio. São

muitos os estudiosos que procuram respostas explicações para várias perguntas como causas e consequências do autismo.

Segundo o CID-10, as crianças autistas pertencem a um grupo de deficiências denominado Transtorno Global do Desenvolvimento (TGDs) ou, ainda Transtornos Invasivos do Desenvolvimento. Para a DSM-IV-TR (2002, p.12), esse quadro constitui um grupo de transtornos,

[...] caracterizados por alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e modalidades de comunicação e por um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Estas anomalias qualitativas constituem uma característica global do funcionamento do sujeito, em todas as ocasiões.

As características da pessoa com autismo não podem ser motivos de desistência nos aspectos pessoal, educacional e profissional, é um desafio, e os primeiros passos a serem tomados é conhecer, acompanhar e buscar cada vez mais por melhores condições para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. O TEA não se concentra nas dificuldades, mas na ampliação de novos olhares, novas possibilidades de conhecimento, na compreensão do sujeito, enquanto ser social, buscando perspectivas de evolução.

A identificação do distúrbio autista é de suma importância para que o mesmo seja aceito com suas diferenças, porém, muitas vezes, ao detectar que o aluno é especial, a própria escola trata o mesmo com indiferença, em vez de incluir, exclui e com isso o aluno acaba sendo deixado de lado, deixando assim de exercer o seu direito de cidadão, pois a legislação nos garante que estudar é um direito de todos independentes de cor, raça, classe social. Na tentativa de enquadrar os moldes da escola surgem barreiras, como falta de interesse do professor ou até mesmo da escola, por pensar que crianças especiais não tenham a capacidade de aprender, participar e se desenvolver.

Sabendo hoje que o autismo é determinado de vários fatores, acredita-se que a síndrome do autismo está ligada a alterações biológicas. Não é toda criança que apresenta todas as características comportamentais no desenvolvimento autístico, por isso não existe uma definição correta sobre a síndrome, para que a criança seja diagnosticada ela deve apresentar uma combinação de características comportamentais. (Paiva Filho, 2012, p. 107).

Vale ressaltar que, algumas crianças tem muita dificuldade na sua aprendizagem, uma vez que a mesma não tem atenção necessária para o seu melhor desenvolvimento. Entende-se que para uma boa aprendizagem, será necessário estimular a comunicação e a interação, pois para uma criança autista a maior dificuldade é a falta de concentração.

Os sintomas variam, por isso é comum referir-se ao Transtorno Autismo como um espectro de transtornos invasivos no desenvolvimento. A origem do autismo ainda é desconhecida, embora os estudos realizados apontem para um forte componente genético, por isso não existe nenhum exame que possa dar o diagnóstico específico e detectar sua origem. (Barbosa e Silva, 2012, p. 123).

Segundo a Associação Americana de Autismo (ASA, 1978), para uma criança ser diagnosticada com autismo precisa ao menos exibir metade das características listadas abaixo podendo ser de âmbito, mas rigoroso ou mais brando a intensidade de seus sintomas, além disso, que seu comportamento seja considerado inapropriado para sua idade. Entre os sintomas são: Dificuldade de relacionamento com pessoas; Ausência ou dificuldade na fala e na linguagem distúrbios no ritmo do aparecimento das habilidades físicas e sociais; Pouco ou nenhum contato visual; Comportamentos e interesses restritos e repetitivos; Riso inapropriado; Aparentemente insensibilidade à dor; Ausência de respostas aos métodos normais de ensino; Dificuldade de expressar necessidades; Recusa colo e afagos;

Sendo que é de extrema importância que nem todas as crianças autistas apresentam todos esses sintomas acima relacionados, no entanto, as maiorias desses sintomas estão presentes nos primeiros anos de vida. Os pais também podem levar alguns anos para perceber que seu filho é autista e nesse caso quando a criança é inserida no ambiente escolar e os professores notam o comportamento da criança.

Segundo Paiva Junior (2012, p. 39), “negar que seu filho está tendo um desenvolvimento típico não o ajuda em nada”. Por isso, receber o diagnóstico do autismo não é fácil para os pais, pois parti desse momento surgem vários questionamentos sobre o futuro de seu filho.

Silva diz que:

Para que o diagnóstico seja realizado com êxito, é fundamental que o profissional tenha bastante experiência no assunto e que entenda profundamente sobre comportamentos infantis de forma geral. Além

desses instrumentos, ele precisa estar muito atento à história de vida do paciente, que deve começar antes de a criança nascer (Silva, p 191, 2012).

Por isso para que possa ter um bom tratamento o primeiro passo é procurar profissionais que tenham experiências com autismo. Sabemos que a manifestação clínica de uma criança pode ser completamente diferente de outras. Enquanto umas apresentam grandes dificuldades de aprendizado, a outra aprende sozinha. Por outro lado, uma criança pode ser extremamente isolada, enquanto outra tem um contato social exagerado e inadequado.

Quando uma criança nasce, os pais depositam nela planos, expectativas e sonhos. A maioria das crianças autistas não apresenta nenhuma sintonia que mostrem esse tratamento, por isso, o diagnóstico não é feito ao nascerem. A mãe é que logo percebe que alguma coisa está errada, procura um diagnóstico, cada profissional fala uma coisa e não é raro encontrar aqueles que digam que a culpa é da mãe, aumentando mais a indecisão, a dúvida e a insegurança. Quando finalmente, o diagnóstico vem, a negação é a primeira reação dos pais.

Famílias de crianças autistas ou com outras dificuldades crônicas passam por um processo muito doloroso quando se deparam com a realidade. Um filho perfeito é idealizado pelos pais, ele irá crescer e se tornar um adulto com independência. Nesta hora, os pais precisam reavaliar planos e expectativas, para o futuro de seu filho e também o da família. Quando um elemento do grupo familiar passa a apresentar um problema, as relações naturais familiares são naturalmente afetadas.

“Ter um filho diferente requer mudanças radicais sobre a visão de mundo. Nós somos obrigados a reavaliar os valores. Ao encontrarmos uma realidade tão amarga, batemos de frente com o medo do desconhecido. Idealizamos um filho perfeito, e ainda não há mal algum...”. (Nebó e Jambor, 2007, p. 29).

As pessoas frequentemente não entendem por que crianças com autismo gritam ou se comportam mal em público e nesta hora, os pais recebem desaprovações e críticas em vez de ajuda. Apesar de todo sofrimento emocional, os pais devem encarar os problemas, como na verdade é, devem buscar ajuda profissional especializada, além de se informar



sobre o assunto, devem ainda procurar contatos com outras famílias para trocas de experiência e vivências e, com isso, evitar a repetição de dificuldades, erros ou problemas. Um trabalho participativo por parte dos pais retira-lhes dos outros a sensação de solidão e impotência e lhes dar força para encontrar o caminho ideal.

Barbosa Silva (2012, p. 96) fala que:

“O acolhimento e a orientação para as famílias são fundamentais para que elas deixem de lado as crenças errôneas, e não se desgastem com culpas desnecessárias e sem propósitos. Cuidar dos familiares, especialmente das mães, é tão importante como cuidar das próprias crianças.”.

Com o diagnóstico, a família vive momentos de angústia e desesperança, muitas ainda passam um determinado tempo negando a realidade e indo a busca de curas milagrosas. Sabe-se até que se consiga restabelecer o equilíbrio perdido, a família pode passar por um grande período de isolamento.

Após este período de desequilíbrio, as famílias passam por um período de aceitação de maior tranquilidade, onde ocorre um gerenciamento dos conflitos. O processo terapêutico neste momento pode tornar esta trajetória menos dolorida, trazendo um maior entendimento da situação e auxiliando na busca de novos caminhos e no desenvolvimento de atitudes construtivas para a família.

A relação entre família e doença é recíproca. Dependendo de como a família aceita e interpreta a doença será o jeito que lidará: ou como um castigo, ficando depressiva; ou como um desafio, se motivando a buscar soluções para o problema. Estas escolhas não são feitas conscientemente (Revista Autismo nº 1, 2011, p. 6).

Percebe-se que o trabalho com essas famílias, no sentido de elaborarem seus sentimentos em relação à criança, pode colaborar para o processo de adaptação desta ao meio, através da socialização vivida na família. O trabalho com essas famílias em relação à questão sentimental pode ajudar a criança no processo de adaptação ao meio social, através da relação familiar.

Contudo, muitos são os desafios encontrados no cotidiano das instituições escolares de ensino regular, em sua maioria despreparadas para receber pessoas com deficiência, apresentando problemas que vão desde a parte estrutural até a formação deficitária dos professores, muitas vezes sobrecarregados de funções e trabalhando sozinhos em salas de aula numerosas onde se encontra “inclusa” uma criança com deficiência.

A inclusão da criança com autismo na Escola Infantil tem chamado a atenção de muitos estudiosos, tanto na área educacional, como em outras áreas psicológicas, mostrando a importância do pedagogo na educação da criança, a relação desta com o meio em que vivem e como de fato deverá ser incluído dentro da escola. Podendo estar inserida em salas de aula sem nenhuma distinção, dependendo do grau de comprometimento social e cognitivo, tendo como principal objetivo reduzir o preconceito e o isolamento social desta.

Sabe-se que a relação família e escola é fundamental para o desenvolvimento pleno das aprendizagens das crianças em fase aos anos iniciais do Ensino, sobretudo nas escolas regulares, tendo em vista a formação e desempenho nas habilidades para uma aprendizagem significativa. E no que se refere às crianças com deficiência, o tratamento devem acontecer com maior veemência e interação, para efeitos de suas fragilidades.

Percebendo assim que os pais depois de seus filhos serem diagnosticados, por sua vez, sente-se envergonhados, culpados e perdidos sem saber como enfrentar essa nova etapa e do seu filho. É importante para a família aprender a conviver com o seu filho e suas limitações. O medo passa a ser uma reação comum, e junto com ele, vêm às incertezas com relação à criança, seu prognóstico futuro.

Segundo Caldas Aulete (2004, p. 440) inclusão “é a ação de incluir, de interagir um elemento a um todo”, ou seja, incluir é fazer parte de alguma coisa, levando para dentro do contexto é deixar que a criança com autismo seja inclusa na sala de aula como outras crianças sem deficiência.

Hoje, não se pensa mais em autismo como algo incurável, essas crianças necessitam de instruções claras e precisas e o programa deve ser essencialmente funcional, quer dizer ligado diretamente pessoa com a Síndrome. Eugênio Cunha (2011, p. 89.) diz que, “uma grande ajuda para todos os indivíduos com autismo independentemente do grau de severidade, vem das relações familiares, em razão do enfoque na comunicação, na interação social e no afeto.”.

É na família onde a criança tem os primeiros contatos e exemplos de como é viver em sociedade. Isso quando se fala em família estruturada onde os pais têm uma relação afetiva com todos é bastante presente na vida dos filhos. O afeto é um dos fatores fundamentais e imprescindível para a criança com autismo que é centrada no EU, e o amor, tanto dos familiares como dos professores. Mas não se deve esquecer que é de suma importância que a família aprenda a conviver com as limitações da criança com autismo, sabendo que o medo passa a ser uma reação presente.

A família e a escola são dois ambientes diferentes, portanto são considerados significativos na vida da criança autista por favorecer a vida social, desse modo requer cuidados e atenção. Mas para que isso ocorra é preciso criar vínculos afetivos que estimulem o comportamento adequado e avanços no contexto social do indivíduo com autismo. A criança autista apresenta comportamento de isolamento social, é com o auxílio da família e da escola, vinculado nessa tarefa de tentar socializar essa criança e proporcionando o tratamento adequado, em conjunto pode superar os desafios que surgem no dia a dia.

Uma grande ajuda para o indivíduo autista independentemente do grau de severidade vem das relações familiares no enfoque da comunicação, na intervenção social. No entanto a família e a escola precisam estar juntas nas ações de intervenção na aprendizagem agindo como suporte da educação comportamental do indivíduo, ou seja, os hábitos familiares têm que estarem em consonância com a escola. Eugênio Cunha (2011, p. 89.) cita que: “se na escola a criança durante as refeições, ela utiliza os utensílios sem ajuda do outro, deverá fazer o mesmo em casa. Os dois ambientes apesar de serem diferentes fisicamente devem ser similares em objetivos e práticas educativas.”.

A escola tem um papel fundamental no processo educacional da criança autista; onde irá contribuir com todos seus recursos para melhoria no desenvolvimento do autista. A família por ser mais experiente com a criança, busca dialogar com a equipe gestora explicitando assim todo o comportamento desta durante o seu dia a dia. Unidas a escola e família é a medida mais importante para melhoria de vida da criança autista. Pois essa inclusão resultara que a criança vai sentir-se mais confiante durante o seu desenvolvimento dentro da escola e na sociedade.

Para Baptista (2003), a inclusão escolar acontece quando ocorre uma grande transformação no âmbito escolar, com único propósito em receber o aluno especial, ou seja, o aluno deve ser acolhido em um ambiente escolar que esteja adaptado as suas

necessidades. A transformação do ambiente escolar deve ser de forma profunda, todos os funcionários do quadro da escola devem estar aptos a tratar esse aluno sem discriminação, garantindo assim o seu direito como cidadão.

A maior dificuldade das famílias muitas vezes é isolar a criança, tomando uma atitude de deixá-la dentro de casa e não levar para a escola, atrapalhando assim o seu desenvolvimento escolar. Isso ocorre porque a família tem vergonha da criança por ela ser autista; a família ao invés de isolar deverá procurar ajuda para fazer com que essa criança se desenvolva cognitivamente e tenha um futuro melhor.

Este é um grande desafio para o processo da educação do aluno com autismo. Mas para que a escola, efetivamente, realize uma educação deverá incluir tanto o aluno quanto a família. Muitos materiais que são utilizados na escola devem ser utilizados pela família, para que estabeleça um reforço na educação.

Falar de escola implica que todos os alunos estão na escola para aprender e, dessa forma, interagir uns com os outros, independentemente das dificuldades provocadas pelas suas limitações e às quais cabe a escola adaptar-se, desenvolvendo novas formas de ensino e aprendizagem, em que todos possam se adaptar. Barbosa Silva diz que:

O ingresso na escola é um marco importante no desenvolvimento das crianças. Não apenas para o aprendizado em si, mas também, pelo desenvolvimento social e pela formação como um todo. (SILVA, 2012, p. 107).

Segundo Barbosa Silva (2012, p. 111) “não é função dos professores fazer o diagnóstico de crianças com autismo. Eles, em sua maioria, não tiveram treinamento de como identificar sinais e sintomas nesse grupo de crianças.”.

Portanto, o diagnóstico precoce é fundamental para que as crianças com autismo tenham desde cedo a possibilidade de encontrar um tratamento adequado, como também uma escola que respeite suas habilidades e diferenças individuais, assim como as peculiaridades de suas famílias, com vistas ao êxito no processo inclusivo destas crianças. Assim sendo, o melhor entendimento da pessoa com autismo, o que acontece e suas reações, são saberes que contribuem com a consolidação da inclusão dos que possam estar aparentemente incluídos.

Usufruir da escola especial como substituta da escola comum não é uma opção válida, pois, parte-se do pressuposto que a escola especial acaba por segregar o indivíduo, tirando-lhe a possibilidade de conviver com os demais, sabendo que “o que falta às escolas especiais, como substitutas das comuns, é muito mais do que a soma das carências das escolas comuns. Falta-lhes o primordial das escolas, isto é, o ambiente apropriado de formação do cidadão” (MANTOAN, 2006, p. 27).

Portanto, é necessário o relacionamento social das crianças com toda gama da diversidade vivida pela escola, para assim, então saber viver e conviver com a diferença.

No entanto, com relação ao autismo, embora muitas pesquisas já tenham sido desenvolvidas no que se referem ao espectro, suas características, incidência e formas de tratamento percebemos que ainda existe muita desinformação sobre o assunto, principalmente no meio educacional que tem a função principal de promover respostas às necessidades educacionais de todas as crianças, inclusive as especiais.

A inclusão vai além da estrutura e da boa vontade dos profissionais da educação, “incluir é aceitar, é sentir a educação além do contexto físico do espaço sala ou escola, é, sobretudo, uma forma de estar e de ser dos pais, dos docentes e não docentes, das escolas, da sociedade e do mundo em geral. Isto é inclusão” (CARVALHO, 2014, p. 36).

Ou seja, a criança ao ser inserida no âmbito escolar, já deve ter um diagnóstico preciso do transtorno, para ajudar o professor a se adaptar com a realidade do seu aluno. A educação é padronizada e o autista apresenta características peculiares e precisa de um tratamento específico.

A maior queixa dos professores é sobre a falta de suporte para trabalhar com alunos com deficiência, a superlotação das salas de aula, além disso, ainda terem de incluir crianças com uma ou mais necessidades especiais e muitas vezes sem o auxílio de outro professor e nem da secretaria de educação, sentindo-se incapazes por falta de capacitação e materiais adequados para serem trabalhados com essas crianças causando nos docentes um sentimento de impotência diante dos desafios do cotidiano.

Tendo a compreensão sobre o Transtorno do Espectro do Autismo, faz-se necessário conhecer Leis que permitem que essas pessoas sejam acolhidas pela sociedade. Decerto, não existem fórmulas para a inclusão de pessoas no âmbito profissional, escolar e familiar, mas é de suma importância aceitar as heterogeneidades dos sujeitos.

Barbosa Silva diz que:

O desempenho escolar das crianças com autismo depende muito do nível de acometimento do transtorno. As crianças com nível mais grave de autismo podem apresentar atraso mental e permanecer dependentes de ajuda. As crianças com autismo leve ou somente com traços autístico, na maioria das vezes, acompanham muito bem as aulas e os conteúdos didático-pedagógico. (2012, p. 109).

Muitas crianças autistas enfrentam preconceitos e dificuldades em encarar a sala de aula normal. O acompanhamento precoce sempre é essencial para contornar os problemas. Antes de qualquer atividade, o professor deve despertar no aluno à vontade de adquirir conhecimentos, quebrar barreiras e desenvolver sua percepção e vontade de ir à frente aos estudos. De nada adianta ter uma sala bem equipada sem nenhum aluno a fim de aprender ou nenhum professor que queira realmente exercer sua profissão.

O autista em algum momento em sua vida sofrerá preconceito. Em salas de aula até as crianças ditas como “normais” já sofrem. Ficar “de olho” na reação dos demais colegas na sala de aula e evitar abusos e tratamentos discriminatórios com o aluno autista é completamente essencial na sua inserção, pois não há inclusão se não houver uma transformação evolutiva no pensamento dos demais colegas. A criança não pode ser simplesmente largada em sala de aula e dar-se isto como correto, a inclusão só ocorre quando todos os alunos aprendem qual o seu verdadeiro significado e valor diante da sociedade e assim acabando com qualquer forma de preconceito.

Paiva Filho (2012, p. 49), diz que:

Portanto, quanto mais você contribuir para que a sociedade de modo geral saiba mais sobre o autismo, mais você será ajudado a diminuir o preconceito (preconceito esse que até mesmo você poderá sofrer quando estiver com sua criança em algum lugar em público).

Ou seja, quando você leva conhecimento a outra pessoa, ele não se divide e você não fica com menos, ele se multiplica e ambos ficam melhores. Já compartilhar conhecimento com a sociedade, levando informação, significa beneficiar coletivamente, pois conforme o preconceito diminui todos os afetados pelo autismo direta ou indiretamente são beneficiados.

Segundo Witmer (1919, p. 208), que define:

A primeira tarefa do professor é obter e manter a atenção da criança, dando-lhe uma coisa que ela consiga fazer e depois desta, uma coisa que ela não consiga, para obriga-la a sobrepujar suas limitações.

Desta forma, é de suma importância que o professor esteja sempre preparado para receber em sua sala uma criança com deficiência como a Síndrome do Autismo, e tentar ajudá-la ao máximo, para que essa criança possa levar uma vida normal fora da sala de aula.

Segundo Lopes (1995), os processos de aprendizagem das crianças autistas apresentam duas características: a primeira ocorre pela associação; segunda a criança autista não generaliza, com espontaneidade conhecimentos adquirido ou ensinado, é necessário que se faça um trabalho específico nesse sentido.

Labanca, diz:

O professor ao trabalhar com crianças autistas deve ter como principal objetivo ensinar, e a persistência são uma grande aliada, o ensino tem como prioridade as atividades de vida prática, à socialização, através de atividades para uma normalização do convívio social. (LABANCA, 2000, p. 134).

Para Lopes (1995), as crianças autistas aprendem e entendem melhor vendo do que ouvindo, sendo assim a melhor forma de ensinar as crianças autistas é através da demonstração do que iria fazer, até que consigam executar a atividade sem ajuda do professor, pois este deve estimular o aluno a independência mesmo que, após muitas tentativas ele não consiga no momento, pois a persistência e o amor pela criança é a grande aliada no ensino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o autismo possibilitou um melhor entendimento desde sua história até as características do comportamento do indivíduo autista, visto que, é um transtorno que abrange complexidade em todos os âmbitos sociais, principalmente no âmbito escolar.

A inclusão de alunos autistas na escola regular da rede pública é um grande desafio, pois para que a inclusão seja uma realidade é necessário à preparação dos docentes e de todo corpo escolar.

De acordo com as pesquisas bibliográficas levantadas para que o processo inclusivo ocorra da melhor maneira, é necessário o trabalho tanto dos profissionais do atendimento educacional especializado, quanto do trabalho do professor regente da sala regular.

O trabalho escolar inclusivo não deve focar nas dificuldades apresentadas pelo indivíduo autista, mas em suas potencialidades, visto que estas proporcionam maior impacto para o seu desenvolvimento.

A relação família-escola é de grande importância para o trabalho inclusivo, pois através de tal relacionamento é possível promover qualidade na inclusão, pois a comunicação da família junto à escola vem só a contribuir, contribuindo assim para o processo social dentro desses dois ambientes conjuntamente.

Embora os docentes sejam especializados na área, é de fundamental importância que a escola proporcione a capacitação destes, com formações continuadas adequadas às necessidades, pois o papel do professor é primordial para o processo de inclusão escolar. Logo, é necessário que os docentes se proponham a assumir tal desafio, pois todos são beneficiados com a inclusão.

Desta forma, abordar o tema autismo na escola: pontos e contrapontos da escola inclusiva possibilitou o olhar mais amplo sobre os pontos positivos e os negativos do processo de inclusão dos autistas na escola regular pública, os pontos que já fazem parte da realidade escolar e os pontos que podem melhorar com o empenho dos educadores, visto que a formação e busca por novos conhecimentos para a prática pedagógica nunca se findam, sabendo que, ambos os pontos contribuem para o processo inclusivo.

Com base na abordagem histórica- cultural, acredita-se que todos os sujeitos com características que comprometem o desenvolvimento são capazes de aprender, desde que o grupo social crie condições para que isso ocorra. Se vivenciarem relações sociais significativas, e o ensino for de fato diferenciado para atender às suas necessidades, poderão desenvolver grandes habilidades e criatividade, ampliando sua formação social.



## REFERÊNCIAS

ASA. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-III: Manual Diagnóstico e estatístico de transtorno mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1978.

ASSUMPÇÃO JUNIOR, Francisco (Ed.) **Transtornos invasivos do desenvolvimento infantil**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

AULETE, Caldas. **Mini Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Editor responsável Paulo Geiger, apresentação Evanildo Bechara- Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2004.

**Revista autismo. Informação gerando Ação**. Ano 1 - Número 1- Abril 2011. Disponível em: <https://www.revistaautismo.com.br/RevistaAutismo001.pdf>. Acesso: em 15 maio de 2020.

BAPTISTA, Myrian Veras. **Planejamento Social: intencionalidade e instrumentação**. São Paulo: Veras Editora, 2003.

BARBOSA, Silva. **Autismo + sala de aula: deixando o preconceito de lado e compreendendo melhor estudantes com necessidades especiais, a sala de aula pode se tornar um espaço melhor pra todos**. Revista Acene. Ano II, n°07, p.37-41, Set. 2014.

BRASIL. Secretária de Educação. Decreto 6.571 de 17 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil>. Acesso em 21 de maio de 2020.

CALDAS, Aulete. **Integração de alunos com deficiências: perspectivas e prática pedagógica**. Marília: Unesp. FFC, 2004.

CARVALHO, R. E. **A nova LDB e a Educação Especial**. Rio de Janeiro: WVA, 2014.

CUNHA, Eugenio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 3° edição- Rio de Janeiro: Walk ed. 2011.

FILHO, Paiva. M. **Criatividade no Trabalho Pedagógico e Criatividade na aprendizagem: Uma realidade necessária?** In: TACCA, M.C.V.R. (org). **Aprendizagem e Trabalho pedagógico**. Campinas. SP: Alínea, 2012.

FREUD, Sigmund (1915) **As pulsões e suas vicissitudes**, v. XIV, ESB. RJ: Imago, 1990. \_\_\_\_\_ (1911) **Formulações sobre dois princípios do funcionamento psíquico**, v.XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GOMES, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - CORDE. 2ed - Brasília, 2007.

KANNER, L. (1997/1943) Os distúrbios autísticos do contanto afetivo. In Rocha, P.S. (org.) Autismo. S. Paulo: Editora Escuta.

[http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/o\\_autismo\\_na\\_perspectiva\\_de\\_uma\\_educacao\\_inclusiva.pdf+witmer+\(1919\)](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/o_autismo_na_perspectiva_de_uma_educacao_inclusiva.pdf+witmer+(1919)) Acesso em 05 março de 2023.

LABANCA, Pilar Arnaiz. **A Educação Inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI.** In: **Inclusão - Revista da Educação Especial - Out/2005.** Disponível em: [https://www.nead.unama.br/site/bibdigital/o\\_autismo\\_na\\_educacao\\_inclusiva.pdf+witmer](https://www.nead.unama.br/site/bibdigital/o_autismo_na_educacao_inclusiva.pdf+witmer)

05 março de 2023.

LIRA, Solange M. de. **Escolarização de alunos autistas: histórias de sala de aula.** 2004.151. F. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014-Disponível em: [http://www.btdt.uer.br/tde\\_busca/processaPesuisa.php?listaDetalhes\[\]=18&processar=Processar](http://www.btdt.uer.br/tde_busca/processaPesuisa.php?listaDetalhes[]=18&processar=Processar). acesso em 05 março de 2023.

LOPES, R. **Educação especial na escola inclusiva: políticas, paradigmas e práticas.** 1 ed. São Paulo: Cortez, 1995. - (Escola inclusiva, o desafio das diferenças).

MANTOAM, Maria Tereza (org). **O desafio das diferenças na escola.** Petrópolis: Vozes, 2006.

MARCELLI, D. (2009). **Infância e Psicopatologia.** Porto Alegre. Artmed

NEBÓ, A. P.H.; JAMBOR, E. J. **Mudanças nas concepções do professor do ensino fundamental em relação à inclusão após a entrada de alunos com deficiência em sua classe.** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 14, n. 1, p. 35- 52, jan./abr.,2007.

PAIVA JUNIOR, Francisco. **Autismo não espere, Aja logo!.** São Paulo\_SP: Editora M. Books, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, **Classificação de Transtornos Mentais e de comportamentos da CID-1.** Porto Alegre: Artemed,1993.

RITVO ER, Freeman Bj, Pigree CP, Manson- Brothes, Jorde L, Jenson WR et al. The UCLA-University of Utah epidemic Survey of Autism: Prevalence. J Psychiatr 1978; 146(2): 194-9)

WITMER, Theo. **Autismo: entendimento teórico e intervenção educacional.** Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1919.